

Três vezes onze

Durante este mês de Novembro, decorreram em vários países as comemorações do Dia do Armistício, aquele dia memorável em que terminou oficialmente a I Guerra Mundial., ou a Grande Guerra, como então se chamou. De facto, fora a maior até então.

Portugal participou nessa guerra de dois modos diferentes. Em 1914, sem guerra declarada, houve no Sul de Angola confrontos com tropas do Sudoeste Africano, então colónia alemã e no Norte de Moçambique, confrontos com os alemães do Tanganica. A partir de 1916, Portugal entrou oficialmente em guerra contra a Alemanha, enviando um Corpo Expedicionário para o Norte de França e batalhões de reforço para Moçambique. Em Angola, graças à intervenção da África do Sul, os alemães tinham sido afastados logo em 1915.

As coisas correram mal em ambos os Teatros de Guerra, mas no caso de Moçambique foi pior; um assunto quase ignorado, embora tivesse sido aí que se registou o maior volume de baixas, não se sabendo, até hoje, qual o seu número exato. Dessas baixas, também não se sabe ao certo quantas em combate, por doença ou por deserção. No livro "A Guerra que Portugal quis esquecer", recentemente publicado, o autor procura colmatar essa brecha da nossa memória coletiva.

Mal sabiam os Homens que, uma vintena de anos mais tarde, outra Guerra Mundial haveria de causar ainda maior mortandade – cinquenta milhões de mortos, contra vinte milhões da primeira, entre militares e civis. E, nas duas guerras, a esmagadora maioria dos combatentes não eram profissionais, ao contrário dos séculos anteriores, mas pessoal do serviço militar obrigatório, ou seja, civis chamados às armas.

Daí a insensatez daquele senhor que quis passar à eternidade inventando uma frase profunda. Disse que o que mais gostava de ver eram um cemitério de militares. Dado que os cemitérios militares começaram a ser implantados durante a I Guerra Mundial (antes os mortos eram enterrados no local da batalha em valas comuns, à exceção de alguns oficiais), é fácil perceber (só ele não percebeu) que os defuntos eram civis recrutados. Mas a frase ficou, e ainda há quem a cite e repita, atestando a sua profunda ignorância ou perversidade.

Para melhor ilustrar o que era o tratamento dado aos mortos em combate, nada melhor que um exemplo. Depois da Batalha de Waterloo, os corpos dos militares aliados foram enterrados em valas comuns, e os dos franceses queimados em piras. Mais tarde, os ossos misturados de homens e cavalos foram recolhidos, moídos e serviram para fertilizante, antecipando em século e meio o que se fez em Auschwitz.

Resta saber se o tal senhor, apreciador de cemitérios, seria correligionário daqueles falangistas espanhóis que entoavam nas comemorações e nos brindes "Viva la Muerte!". Ou se lamentaria ter sido reciclado um cemitério.

Pois a I Guerra Mundial acabou oficialmente (não é demais repetir) às onze horas do dia onze do mês onze (Novembro) de 1918.

Não por acaso: os negociadores acharam que deveria ser dado um cunho especial ao fim das hostilidades, e aquela conjunção 11/11/11 pareceu apropriada. E assim se acordou, assim se assinou e assim se cumpriu.

Ninguém pensou em antecipar de alguns dias, ou mesmo de algumas horas, o fim dos combates. Decerto não foi lançada nenhuma grande operação, mas ninguém na frente foi avisado, talvez para não desmoralizar as hostes. E assim, nesses dias e horas de Paz à vista, a guerra continuou, procurando qualquer das partes obter a máxima vantagem ou a diminuição das perdas.

Deste modo morreram umas centenas ou milhares de homens, no epílogo daquilo que hoje se chama, e com razão, uma guerra civil europeia. Basta ver os Presidentes da França e da Alemanha numa comemoração conjunta para compreender esta afirmação.

Para os grandes decisores, aquelas mortes inúteis seriam um detalhe, uma insignificância, algo irrelevante. Como no célebre livro "A Oeste nada de novo", de Erich Maria Remarque, em que o herói morre num dia tão calmo, em termos de atividade militar, que o relatório do comando referia "A Oeste, nada de novo" – exceto para a família, os camaradas e os amigos do defunto, é claro.

Quando se assiste a longas deliberações sobre a forma como terminar um conflito, como os que agora decorrem na Síria, no Yemen, no Sudão ou outros locais, surge sempre aquela dúvida: estão à espera de quê? De um 11/11/11, ou de um 12/12/12?

Morrem por dia dezenas ou centenas de combatentes e não combatentes – sobretudo não combatentes. Mas as grandes instâncias parecem continuar apostadas numa aritmética estranha, em que todos os números contam – menos os das vítimas.

E é preciso não esquecer que para as viúvas, os órfãos, os familiares, os deficientes, os psicologicamente afetados, a Grande Guerra não acabou às onze horas do dia onze de Novembro de 1918. Perdura o resto das suas amarguradas vidas, como perdura para as vítimas das guerras que se deram depois de 1918 – e têm sido muitas.

Para que a Terra não esqueça.

Nuno Santa Clara

Definição das Áreas Geográficas de Intervenção dos Técnicos da Equipa de Implementação



PADM

PLANO DE AÇÃO PARA APOIO AOS DEFICIENTES MILITARES

Área geográfica	Técnico/a
Distrito de Bragança Todos os concelhos	Ana Moreira T. 925 604 523 ana.moreira@padm.crrpg.pt Polo Porto
Distrito de Vila Real Todos os concelhos	
Distrito de Viana do Castelo Todos os concelhos	
Distrito de Braga Todos os concelhos	
Distrito do Porto Todos os concelhos	Vera Silva T. 960 076 911 vera.silva@padm.crrpg.pt Polo Porto
Distrito Aveiro Concelhos de Arouca, Castelo de Paiva, Espinho, Estarreja, Feira, Murto, Oliveira de Azeméis, Ovar, S. João da Madeira e Vale de Cambra	
Distrito de Aveiro Concelhos de Águeda, Albergaria-a-Velha, Aveiro, Ílhavo, Mealhada, Oliveira do Bairro, Sever do Vouga e Vagos	Norberto Simões T. 960 076 902 norberto.simoese@padm.crrpg.pt Polo Coimbra
Distrito de Viseu Todos os concelhos	
Distrito da Guarda Todos os concelhos	
Distrito de Coimbra Todos os concelhos	
Distrito de Castelo Branco Todos os concelhos	
Distrito de Leiria Concelhos de Alvaiázere, Ansião, Batalha, Castanheira de Pera, Figueiró dos Vinhos, Leiria, Marinha Grande, Pedrogão, Pombal	Ana Machado T. 917 365 357 ana.machado@padm.crrpg.pt Polo Lisboa
Distrito de Portalegre Concelhos de Castelo de Vide, Crato, Gavião, Marvão, Nisa e Portalegre	
Distrito de Leiria Concelhos de Alcobaça, Bombarral, Caldas da Rainha, Nazaré, Óbidos, Peniche e Porto de Mós	
Distrito de Lisboa Todos os concelhos	Susana Silva T. 925 574 012 susana.silva@padm.crrpg.pt Polo Lisboa
Distrito de Santarém Todos os concelhos	
Distrito de Setúbal Todos os concelhos	
Distrito de Portalegre Concelhos de Arronches, Alter do Chão, Avis, Campo Maior, Elvas, Fronteira, Monforte, Ponte de Sôr e Sousel	
Distrito de Évora Todos os concelhos	
Distrito de Beja Todos os concelhos	
Distrito de Faro Todos os concelhos	Natércia Raposo T. 960 081 716 natercia.raposo@padm.crrpg.pt Polo Lisboa
Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e outros países	
Região Autónoma da Madeira	Idalina Freitas T. 968 581 300 idalina.freitas@padm.crrpg.pt Polo da Madeira
Região Autónoma dos Açores	Maria Botelho T. 960 076 876 maria.botelho@padm.crrpg.pt Polo dos Açores